



**ROSA
MONTERO**

**a boa
sorte**



Rosa Montero

A boa sorte

tradução
Fabio Weintraub

todavia

Em memória da minha mãe, Amalia Gayo, que me ensinou a narrar

*Para a pequena e inesquecível Sara, que se defendeu. Vamos defender as
Saras do mundo*

*Com minha gratidão e meu amor pelas Salamandras, que iluminaram os
tempos sombrios do coronavírus*

*Comovem-me
as coisas mais próximas,
as sombras, as dobras da Terra
onde começou
a intimidade do todo*
Carmen Yáñez

*Quem quiser ser feliz, que seja:
do amanhã não há certeza*

Lorenzo de Médici

Capa
Folha de Rosto

A boa sorte

Autora
Créditos

Esse homem não desgruda os olhos do celular desde que saímos de Madri. E isso que estamos em um trem-bala de exasperante lentidão, que para em todas as estações no caminho para Málaga. Poderia parecer que esse homem está imerso em seu trabalho, quase abduzido por ele; mas qualquer observador metuculoso ou ao menos persistente teria percebido que, de quando em quando, seus olhos deixam de vagar pela tela e adquirem um aspecto vidrado; que seu corpo se enrijece, paralisado na metade do gesto ou do batimento cardíaco; que suas mãos se contraem e seus dedos se curvam, garras crispadas. Em tais momentos é evidente que está muito distante do vagão, do trem, desta tarde tórrida que esmaga sua poeirenta vulgaridade contra o vidro da janela. Na mão direita desse homem há duas unhas machucadas e negras, a ponto de cair. Devem ter doído. Também reluz uma ilha de pelos sem cortar na mandíbula quadrada, de resto perfeitamente escanhoada, o que demonstra que não usa espelho ao se barbear. Ou mesmo que ele nunca se olha no espelho. E, no entanto, não é feio. Aparenta mais ou menos cinquenta anos, cabelo abundante e grisalho, liso e descuidado, muito longo na nuca. Rosto de traços pronunciados, lábios carnudos, nariz proeminente, mas harmônico. Um nariz de general romano. Olhando bem, esse homem deveria ser chamativo, atraente, o típico varão poderoso e consciente do próprio poder. Mas nele há algo deslocado, algo fracassado e errôneo. Uma ausência de esqueleto, por assim dizer. Isto é, uma ausência completa de destino, que é como andar sem ossos. Daria para dizer que esse homem não entrou num acordo com a vida, consigo mesmo, e entrar num acordo, a esta altura todos nós já sabemos, é o único êxito ao qual se pode aspirar: chegar como um trem, como este mesmo trem, a uma estação aceitável.

Faz apenas quinze minutos que paramos em Puertollano, mas a máquina diminuiu de novo a velocidade. Voltaremos a nos deter, agora na parada de Pozonero, um pequeno povoado de passado minerador e presente

calamitoso, a julgar pela suprema feiura do lugar. Casas míseras com telhas Eternit, pouco mais que favelas verticais, alternando-se com ruas que são fruto do desenvolvimento franquista mais paupérrimo, com os típicos prédios residenciais de quatro ou cinco andares com o reboco roído ou o azulejo manchado de salitre. O trem-bala treme um pouco, sacode para a frente e para trás, como se espirrasse, e enfim para. Surpresa: pela primeira vez desde o início da viagem esse homem levanta a cabeça e olha através da janela. Olhamos com ele: um amontoado áspero de trilhos vazios, paralelos ao nosso, se estende até um edifício colado à estrutura de ferro da estação. Estamos a certa altura, numa espécie de passagem elevada que deve ficar no nível do segundo andar do prédio. Quase à beira dos trilhos, desponta uma pequena varanda calamitosa: a estrutura é metálica, a porta não encaixa, um velho botijão de gás apodrece esquecido junto à parede de azulejo barato. Preso às grades enferrujadas, um cartaz de papelão, talvez a tampa de uma caixa de sapatos, escrito à mão: “Vende-se”, e um telefone. A perfeita representação do fracasso.

Esse homem ficou olhando a paisagem lastimosa por um longo instante. Quietamente, impassível, daria para dizer que sem pestanejar. Por fim, o trem retoma a marcha e ele afunda de novo a cabeça, dessa vez no computador. Exatamente vinte e oito minutos mais tarde entramos na estação central de Córdoba. Esse homem se levanta, revelando-se muito mais alto do que parecia; seu paletó, caro e bem talhado, provavelmente de linho, parece uma sanfona e pende desarrumado de seus ombros ossudos. No entanto, o homem não ajeita a roupa, como tantos fazem automaticamente ao se levantar. Retira a maleta do bagageiro superior, deposita-a sobre o assento e nela guarda o notebook. Ergue-se, arruma com um tapa o cabelo da testa e desce do vagão.

Já embaixo, parece ter perdido de repente o impulso que o impelia. Fica paralisado ao pé da escadaria olhando desconcertado ao redor, enquanto os demais passageiros que saem depois dele grunhem, protestam e terminam contornando o estorvo por um lado ou por outro, como o rio que se divide em torno a uma rocha. Mas os viajantes que querem embarcar já não são tão respeitosos.

— Senhor, por Deus! Dá para fazer o favor de sair do meio do caminho?

Anda, palerma!

Esse homem estremece como quem sai de um transe, aperta a alça da mala até que os nós dos dedos fiquem brancos e começa a caminhar resoluto, ou ao menos sem parar, uma passada após a outra, até chegar ao hall da estação e ao guichê de passagens.

— Acabei de chegar no trem-bala de Madri. Qual foi a última parada?

— Como? — a atendente o observa com olhos arregalados.

— Acabo de chegar no trem-bala de Madri. Qual foi a última parada? — repete ele, imperturbável. E logo acrescenta: — Quer dizer, qual o nome da última parada. Não me lembro, me ajude, por favor.

— Acho que Puertollano ou... Não, o último trem-bala de Madri foi o das 16h26. A última parada foi Pozonero.

Ele assente com a cabeça.

— Pois bem, me veja uma passagem para Pozonero, por favor.

A atendente volta a escutá-lo como uma coruja, com os olhos maiores que seus óculos.

— Hoje não temos mais trens para esse destino. São só quatro horários por dia. O próximo sai amanhã, às quinze para as nove.

— Não. Tem que ser agora — diz ele com calma, como se tudo dependesse da boa vontade da atendente.

— Então vá de ônibus, tem vários. Olhe, a estação rodoviária é logo ali, duzentos metros adiante. Saia por aquela porta.

Sem agradecer nem se despedir, o homem caminha até a rodoviária, compra uma passagem, espera vinte e três minutos sentado no banco duro em meio ao tumulto, sobe no ônibus e contempla a paisagem pela janela por outros cinquenta e sete minutos. Durante todo esse tempo ele nada fez além de piscar mais lentamente que um humano normal, um piscar parcimonioso, mais apropriado a um lagarto, enquanto o mundo passa como um diorama do outro lado da janela, campos crestados pelo calor, ainda que o verão não tivesse começado oficialmente, arvorezinhas torturadas pela seca, fábricas poeirentas, granjas abandonadas, grafites berrantes em muros derruídos. O sol se põe muito vermelho. São nove e quinze da noite de um 13 de junho.

O ônibus chega enfim a Pozonero, que confirma a fama de vilarejo mais

feio do país. Um supermercado da rede Goliat, à entrada do povoado, e o posto de gasolina ao lado, repintado e com anúncios fluorescentes, são os dois pontos mais iluminados, limpos e movimentados do lugar; só neles se respira um razoável orgulho de ser o que são, certa confiança no futuro. O restante de Pozonegro é deprimente, cinza, indefinido, sujo, necessitando urgentemente de uma demão de tinta e de esperança. A maioria das lojas está fechada, e o fechamento deve ter ocorrido noutra era geológica. Um par de bares, que de longe já se adivinham pegajosos e cheios de moscas, e uma igreja de tijolos pré-fabricados são os pontos turísticos mais notáveis que esse homem avista no trajeto, se é que realmente pode ver algo com seus olhos lentos e frios de lagarto. Quando o ônibus para em uma esquina (apenas três pessoas descem), ele tenta se orientar. Não é difícil: ao entrar no povoado, cruzaram uma passagem de nível. Segue caminhando em direção aos trilhos e logo chega ao lugar que procurava: é apenas meia rua estreita e escura, asfixiada pela passarela da plataforma férrea, que realmente fica à altura do segundo andar. Esse homem olha para cima, para a varanda e para o cartaz, por sorte iluminado pelas luzes da estação. Resmunga algo, como se acabasse de notar algum problema; tira o celular do bolso do paletó engruvinhado e, depois de procurar os óculos por alguns instantes, digita o número de telefone com dedos titubeantes. Um segundo de espera. Alguém atende do outro lado.

— Quero comprar o apartamento em frente à estação.

— ...

— É isso. Sim. Muito bem. Aceito seu preço. Quero comprá-lo.

— ...

— Agora mesmo... Sim, agora mesmo... Estou na frente do prédio.

— ...

— Você não está entendendo, tem que ser agora mesmo, ou então nada feito. Agora ou nada feito. Sim, quero fechar negócio já... Sei que não é de praxe, mas é isso ou nada... Tenho o dinheiro, não estou brincando... Não, não é uma brincadeira... Já disse que estou na frente do prédio...

— ...

— Está bem. Espero você.

Cinquenta e três minutos de espera, trocando o peso de uma perna para

outra. Daria para dizer que, para um povoado tão pequeno, o proprietário está demorando demais. Por fim aparecem dois homens; um de aspecto tosco e rude, quarenta e tantos anos, baixo e barrigudo, mas sem dúvida forte, com o pescoço como um tronco de árvore e grandes mãos. O outro, de aspecto melífluo, também barrigudo, mas franzino: ombros estreitos, perninhas de arame e uma cara frágil em forma de pera. Deve ter mais ou menos a mesma idade que o de pescoço truncado, mas a careta do seu traje e o jeito presunçoso e meio rígido fazem com que pareça mais velho.

— Sou o proprietário. Benito Gutiérrez. E este senhor é sr. Leocadio, do cartório.

Não é preciso indicar quem é quem: eles correspondem ao estereótipo. Benito faz uma breve pausa e observa seu potencial comprador. Seus olhos são pequenos, muito negros, desconfiados. Logo prossegue:

— Sr. Leocadio, que mora aqui perto, fez o favor de me acompanhar. Como o senhor veio com essas exigências incomuns... — A boca se contrai de pura suspeita.

— Quero apenas fechar negócio imediatamente.

— Está bem, vamos subir para ver o apartamento.

— Não precisa. Repito, quero apenas fechar negócio o quanto antes — diz o homem, estendendo a mão no ar e detendo abruptamente o perplexo proprietário.

— Mas por que tamanha urgência? — intervém o tabelião com voz estridente. — Alguém o persegue, está foragido, quer lavar dinheiro?

Leocadio diz isso de brincadeira e, ao mesmo tempo, para demonstrar o poder que ele encarna. Sorri sentindo-se magnífico.

— Não há nada ilegal, não se preocupe. Com que banco você trabalha? — pergunta ao proprietário.

— Iberobank.

— Ótimo, também tenho conta nesse banco — diz ele, abrindo o celular. — Posso transferir agora o valor integral para a sua conta. Você receberá a transferência imediatamente.

— Quê?

— Espere um pouco, vamos com calma, não é assim — protesta o

tabelião: — Temos que fazer a escritura de compra e venda, verificar se o imóvel está livre de dívidas, digo isso por você...

— Está livre, sr. Leocadio — diz o vendedor, os olhinhos ardendo de ambição.

— Certo, Benito, acredito em você, mas as coisas não podem ser feitas desse modo.

— Proponho escrever à mão um pré-contrato de venda. Assinamos agora e amanhã formalizamos tudo no cartório — diz Benito.

— Isso não é possível. Não é assim que se faz.

— Então desisto, sinto muito. Quero fazer a operação hoje mesmo. Do contrário, não me interessa.

Consternação. O proprietário cochicha no ouvido do tabelião:

— Por favor, Leocadio... sr. Leocadio. Quem vai me comprar esse apartamento colado a esses trens de merda? Por favor.

No fim, triunfa a eloquência do dinheiro. O tabelião escreve com vagaroso detalhismo um pré-acordo cheio de condições: sempre e quando o comprador demonstre ser o único e legítimo dono da soma transferida, sempre e quando não apareçam impedimentos legais, sempre e quando... O aspirante ao apartamento conecta-se ao banco pela internet, digita a quantia de quarenta e dois mil euros, valor pedido pelo vendedor, e faz a transferência. Depois os três caminham até o caixa automático situado na entrada da pequena estação, onde Benito comprova que, realmente, o dinheiro já entrou em sua conta.

— Bem. Então em princípio, e salvo imponderáveis, o senhor já é o novo proprietário do imóvel — diz o sr. Leocadio, devolvendo os documentos. — Espero vocês amanhã ao meio-dia no cartório.

— Tome. Trouxe apenas um jogo de chaves. Amanhã vou te dar mais dois — diz Benito, entregando-lhe as chaves. — Nem sequer visitou o apartamento! Como o senhor é esquisito... — acrescenta, com uma sinceridade que lhe escapa dos lábios.

— Boa noite.

Dois passos depois, no entanto, o pescoçudo não consegue se conter e se vira, perguntando ao comprador:

— Foi por razões fiscais? Tinha que fechar a compra na data de hoje? Vai

usar o apartamento para quê? — Benito pergunta, relutante, alçando a voz para vencer a distância.

— Para morar — responde o homem sem nem mesmo virar para trás.

E logo retoma o trajeto, já sozinho, até voltar à silenciosa rua. Sua rua. Muito curta, porque termina no declive pelo qual segue a via férrea. Uma única calçada habitada, composta por quatro edifícios estreitos, todos igualmente feios. Ou talvez não, talvez o seu seja um pouco mais feio, pelas pretensões. É o mais moderno. Do começo dos anos 1960, sem dúvida. O terreno tem somente sete metros de largura. Só um apartamento por andar. Só duas aberturas para o exterior, a varanda e uma janela. A entrada condiz plenamente com o prédio: uma porta tão estreita como a de qualquer quarto, em estrutura metálica, com grades e vidro fosco por trás. O vidro está rachado e na borda de alumínio há uma mosca morta com as patas para cima. O homem entra e tateia até encontrar a luz: fluorescente, desnuda, meio queimada. Um pequeno espaço retangular com piso de lajotas verde-vômito. À esquerda, as escadas. À direita, caixas de correio desconjuntadas e um cesto de lixo. Surpreende que não cheire a podridão.

A porta do apartamento do segundo andar é de compensado, fácil de derrubar com alguns chutes. Há um velho ferrolho de lingueta e uma fechadura normal, mas nem as dobradiças nem o batente resistiriam. Quando a porta se abre, esse homem vê, sob a luz mortiça do hall, uma porta em frente a ele e um estreito corredor à esquerda que se perde na escuridão. Aperta o interruptor de luz perto da porta, mas nada acontece. Na penumbra da parede, busca o quadro de força. Ali está, junto à entrada. Levanta a chave geral e a casa se acende. Quer dizer, umas poucas lâmpadas de baixo consumo e ínfimos watts dividem as sombras e convertem o chapiscado das paredes em uma paisagem lunar de montes e crateras. Esse homem larga a maleta no chão e avança. O vão da frente dá na sala. Isto é, no cômodo com sacada. Estreito e comprido como um mau ano. O corredor mede uns quinze metros de comprimento e tem uma bifurcação para a direita. No fim, à esquerda, o banheiro. Minúsculo e horrendo, com um postigo que dá para um duto de ventilação de um metro por um metro. Abre a torneira: os encanamentos tosse e arrotam um pouco, mas há água. Para lavar as mãos é

preciso meter meio corpo sob o chuveiro, de tão apertado que é o banheiro. Azulejos brancos rajados de sujeira, cortinas de um plástico que um dia foi transparente e agora é de um amarelo baço e pegajoso. Se voltamos por onde viemos e seguimos pela outra bifurcação do corredor, à esquerda está a cozinha, antiga, diminuta e imunda. Cheira à gordura rançosa, e o basculante também dá para o soturno tubo de ventilação. À direita, bem em frente, outro cômodo, o da janela que dá para os trilhos, um quarto ainda mais estreito que a sala, iluminado apenas pelo resplendor das luzes da estação de trem. Na empoeirada parede de chapisco, a sombra fantasmagórica de um grande crucifixo. Esse homem suspira, tira do bolso do paletó quatro embalagens de lenços umedecidos, que ele abre uma após a outra, limpando conscienciosamente as lajotas encardidas. Isto é, limpa mais ou menos um metro quadrado, pois as quatro embalagens de lenços não são suficientes. Depois de enfiar os lenços sujos de volta nas embalagens e de guardá-las novamente no bolso, apoia as costas contra a parede e se deixa escorregar até se sentar no chão. Pega seu iPhone e espia sem interesse as mil chamadas e mensagens recebidas. O celular estava no silencioso, agora ele o desliga. Está cansado; o tempo voou entre uma coisa e outra, é quase meia-noite. Poderia bem fechar os olhos um instante e dormir. De repente, escuta um rumor. Um súbito troar que se multiplica a toda velocidade, produzindo uma sensação de vertigem parecida à de alguém prestes a desmaiar. Uma avalanche nos submerge. Os espelhos vibram, o chão trepida, o chapisco da parede arranha as costas. Tudo treme, tudo se move dentro da casa enquanto o trem apita e passa diante da janela sem parar: uma explosão de ar e de energia, um furacão metálico. Uamm, o bicho se afasta sacudindo tudo, arrastando tudo. Depois deixa um silêncio vazio, o pesado silêncio dos cemitérios. Se em alguma ocasião você se vir obrigado a saltar de um trem em movimento, recorda o radiante proprietário, olhe primeiro para a frente e tente escolher um lugar aparentemente macio; jogue sua bagagem e depois agarre-se ao vazio deixando as costas o mais retas possível e dando largas passadas no ar.

As paredes voltaram a recuperar sua quieta feiura. Que desperdício de espaço, que corredor tão enorme, que distribuição horrível, pensa esse homem. E sente algo parecido com um consolo amargo.

Quando o bolsista que fora buscar Pablo Hernando na estação de Málaga não o encontrou, nem pessoalmente nem por telefone, angustiou-se muitíssimo; acreditou que tudo era culpa sua, que não tinha conseguido reconhecê-lo e o perdera. O rapaz voltou arrependido e envergonhado a La Térmica, onde recebeu uma reprimenda à altura de Susana Lezaún e Axel Hotcher, organizadores do ciclo de conferências. Eles também começaram a telefonar insistentemente para Hernando, sem nenhuma resposta, e depois para a secretária de Hernando e para o escritório, mas ninguém atendeu, já deviam ter encerrado o expediente. O relógio tiquetaqueava, o evento estava programado para as oito e meia da noite e o conferencista não aparecia, de modo que, em desespero, puseram-se a telefonar para o amigo do amigo, o conhecido do conhecido e até para o bispo, sem que esse frenesi todo lhes servisse de alguma coisa. Por conseguinte, às dez para as nove Susana Lezaún e Axel Hotcher se viram na amarga posição de ter que aparecer ante um salão lotado por trezentas pessoas impacientes, que em seguida se converteram em energúmenos ao receber as decepcionantes e nebulosas notícias. O pessoal protestou bastante e Susana Lezaún e Axel Hotcher juraram nunca mais ter relações com esse furão irresponsável. Depois, um pouco mais calmos, enquanto compartilham um jantar tardio e uma garrafa de vinho bom para remediar o desgosto, Axel e Susana comentam que a ausência de Hernando foi muito estranha, talvez algo de ruim tenha lhe acontecido. Para dizer a verdade, esperam que ele tenha morrido. Qualquer outra desculpa mais leve parece completamente inaceitável.

É na manhã seguinte, quando telefonam ao escritório para repreendê-lo, que acionam o sinal de alarme. Não se pode dizer que seus colegas de trabalho tenham ficado surpresos com o ocorrido. Bem, um pouco, sim, nunca cometera uma gafe tão grande, mas ultimamente tem desmarcado as reuniões na última hora e deixado clientes plantados, esquecendo o

compromisso agendado. Esquecer um compromisso, justo Pablo Hernando, que vive para sua profissão! Ainda que, levando tudo isso em conta, a ausência até pareça lógica. O pobre homem deve estar passando muito mal. Claro que os colegas de Hernando nada comentam sobre o assunto. Pelo contrário, fingem e tentam fazer com que Lezaún e Hotcher o desculpem.

Como a secretária tem as chaves da casa de Hernando, os colegas do escritório vão até lá, incomodados e inquietos. Temem encontrá-lo estendido no chão do banheiro ou na cama, já rijo, um infarto, um ataque, afinal essas coisas acontecem, ainda mais com alguém que, mesmo bem conservado, já tem, segundo a biografia disponível na internet, cinquenta e quatro anos. Para alívio deles, encontram o apartamento vazio. A xícara do café da manhã está lavada e posta no escorredor, a cozinha, imaculada; o quarto, arrumado; os armários, ordenados com a habitual meticulosidade. É um obsessivo. Na mesa da entrada, um bilhete para a faxineira: “Pepa, por favor, busque na tinturaria o terno cinza, deixei dinheiro na caixa, obrigado”. Tudo normal, enfim. Continua sem atender o celular nem responder os e-mails. Pensam se seria conveniente contatar os amigos dele, mas logo se lembram de que ele não tem amigos. Ao menos que eles saibam. Convocam então uma reunião de urgência no escritório: quarenta e duas pessoas entre o pessoal administrativo, colegas contratados, sócios e estagiários.

— A primeira coisa a fazer é telefonar para todos os hospitais — diz Mariví, sua secretária, muito agitada.

A sugestão soa abominável, mas telefonam. Nada. Depois desse surto de atividade, ficam sem saber o que mais fazer. São oito e meia da noite da terça-feira, ou seja, faz vinte e quatro horas que Pablo furou com o pessoal de Málaga. O começo oficial do desaparecimento.

— Alguém sabe se ele chegou a pegar o trem? — pergunta Germán.

É uma boa ideia verificar; seu carro está na garagem do escritório, mas normalmente ele pega um táxi quando vai viajar. Ligam para a Renfe^[1] para perguntar se ele usou o serviço. A resposta é que não estão autorizados a fornecer essa informação sem uma ordem judicial.

— Então, o que vamos fazer? Ir à polícia? — pergunta Regina, pondo o dedo na ferida.

Ninguém se atreve.

— E se ele sumiu porque quis, se foi a um hotel, se decidiu encher a cara, ou ir para Paris, ou sair com putas, algo assim? — grunhe Matías.

Murmúrios de censura, sobretudo das mulheres: o Matías é assim. O fato é que ninguém quer ser o responsável por semelhante decisão; é difícil imaginar as razões do comportamento de alguém que jamais compartilha sua intimidade. Assim, decidem esperar um pouco para ver se as coisas se ajeitam por si mesmas.

A quarta-feira transcorre sem notícias, e também toda a quinta. E assim, com o escritório paralisado e a equipe cada vez mais inquieta e indiscreta, chegamos à sexta-feira. À primeira hora da manhã, Germán dá um soco na mesa:

— Vamos à polícia.

Como é natural, os quatro sócios decidem ir juntos, Germán, Regina, Lourdes e Lola. E o fazem com um peso na consciência, pensando que talvez a esta altura Pablo já esteja morto por não terem tomado as devidas providências com a agilidade necessária. Agora que decidiram, parece incompreensível tamanha demora em reagir. Sobretudo pelas suspeitas que despertam nos policiais:

— Sumiu na segunda e vocês não fizeram nada até hoje? Ainda mais tendo em conta as circunstâncias pessoais dele...

— Bem, ligamos para os hospitais e essas coisas... — diz Germán com pouca convicção.

— Veja, é que Pablo Hernando impõe certos cuidados, sabe... Não apenas é o principal sócio, o fundador da empresa, um profissional de prestígio e conhecido, mas também um homem muito... como dizer?, muito reservado. E com tudo o que passou foi se fechando ainda mais. Também tínhamos medo de que a notícia fosse explorada pela imprensa. Ele não nos perdoaria — Regina tenta se desculpar.

Voltam ao escritório com a sensação de terem sido reprovados em um exame. Tão abatidos que nem sequer se atrevem a comentar o papel pouco lúcido que parecem ter desempenhado. Estacionam taciturnos na garagem, beliscam alguma coisa apressadamente no bar da esquina enquanto mexem

nos celulares e evitam se olhar nos olhos, e logo cada um se fecha em sua sala, ruminando sua preocupação e sua culpa.

Três horas depois toca o telefone de Regina, que acaba de enfiar na boca uma barra de chocolate: quando está angustiada, sempre se enche de doce. Com o sobressalto, engole o chocolate inteiro. Tosse um pouco e atende. Como ela havia intuído ao ver que se tratava de um número privado, é o inspetor com quem conversaram pela manhã.

— Embarcou no trem em Madri, mas o mais provável é que tenha descido antes de chegar ao destino. Na segunda-feira mesmo fez uma transferência de quarenta e dois mil euros para um tal Benito Gutiérrez em uma conta de uma agência bancária de Pozonegro. Esse nome te soa familiar? — pergunta o homem.

— Benito Gutiérrez? Não. Não faço ideia de quem seja — responde Regina, espantada.

— Bem, pois parece que o sócio de vocês comprou um apartamento. Pelo menos é o que dizia a descrição da transferência bancária: pagamento compra apartamento Resurrección 2. Em Pozonegro há uma rua chamada Resurrección, e o trem no qual o desaparecido supostamente viajava parava nesse povoado. Vamos designar um agente policial para investigar por ali.

— Perdão, um momento... Os senhores podem quebrar o sigilo bancário das pessoas desse modo? Faz apenas três horas que comunicamos o desaparecimento do nosso colega...

Breve silêncio do outro lado da linha.

— Eu achava que iria nos parabenizar pela rapidez na investigação. Mas não, claro que não. A senhora pode ficar tranquila. Por precaução, desde a fuga de Soto, passamos a controlar as contas do sr. Hernando. Tudo com a necessária autorização judicial, obviamente, coisa que sem dúvida uma cidadã exemplar como a senhora ficará contente de saber. Boa tarde e de nada — diz, sarcástico.

E desliga.

Regina fica por uns segundos com o telefone mudo colado à orelha, perplexa. Ela pisca, deposita o celular sobre a mesa, fica de pé e caminha, sonâmbula, até a porta da sua sala. Abre a porta, aparece para todos:

— Alguém sabe onde cacete fica Pozonegro? — indaga ao vasto mundo.
Ninguém responde.

Nossa Senhora, ele é lindíssimo. Tem uma coisa... Não sei como definir. Cavalheiresca. É um cavalheiro. Parece educado. Se percebe que é outro tipo de pessoa. Sensível. Com essas mãos de pianista, como não seria sensível? E se o meu palpite estiver certo e ele for pianista? Ou seja, músico. Ou artista, falando de modo geral. Tenho esse pressentimento. À primeira vista, nós, artistas, nos reconhecemos. Duas unhas dele estão pretas. Pobrezinho, onde terá metido os dedos? Parece um pouco seco, mas isso é timidez, tenho certeza. Me pegou esfregando o cesto de lixo. Que azar, não estava nada sexy. Isso porque eu tinha até me maquiado. Não muito, minha sombrinha verde, um pouco de blush. E o cabelo limpo, bem penteado. Para o caso de nos encontrarmos. Ele entrou com umas sacolas plásticas, acho que do mercado da Antonia, que me disse que ele faz as compras lá. Me pegou com a cara enfiada no maldito balde. É mais bonito do que a Antonia disse! Cabelo bonito, todo grisalho e liso. E tão alto! E bem-vestido. Dizem que pagou sessenta mil euros à vista, me parece muito caro sessenta mil por esta merda de casa, mas enfim... Por isso dizem que é muito rico, mas para mim tanto faz. Quem com grana viria morar nesse buraco? É tudo muito misterioso... Ainda que nós, artistas, já se sabe, sejamos muito misteriosos. E boêmios. Então ele entrou e ficou um pouco sem graça ao me encontrar, e eu também, eu mais ainda, por causa do bonitão e do maldito cesto de lixo. Eu disse olá, e ele me respondeu, olá, você é a zeladora?, e eu um pouco brava respondi que não, não, não, expliquei que não temos zelador nem nada, mas que eu limpava a lixeira de tempos em tempos porque me deprimia que o prédio cheirasse mal. Ele piscou e disse, ah, ótimo. Acho que quis dizer que ótima a minha iniciativa, como se me agradecesse, do jeito dele, com a timidez dele. Então me atralhei e disse, é que sou artista. Sou pintora. Ou seja, como se eu dissesse: por isso sou tão sensível, tanto que não gosto que a portaria cheire a merda, mas me atralhei, não expliquei direito, acho que

fui ridícula. Porque ele também ficou um pouco surpreso. Então acrescentei: também trabalho no caixa do Goliat, se você for comprar algo lá, vou te tratar muito bem. Outra bobagem, como se não tratasse todo mundo bem! O que eu queria dizer com essa história de tratar bem? Soava um pouco, sei lá, oferecida. Ahhhh, comecei a ficar muito puta comigo mesma. Ele disse, ah, sim, obrigado, e começou a subir as escadas. Meu nome é Raluca, eu disse, sim, eu sei que é um nome estranho. E ele disse outra vez obrigado, continuando a subir como se eu não tivesse dito nada. Então eu perguntei, e você? É o novo morador do segundo andar, não é? E ele quase grunhiu: sim, do segundo. E depois de um instante: Pablo. Meu nome é Pablo. Nem sequer se virou para dizer isso. Um tremendo tímido.

Dormiu a primeira noite vestido e acordou estirado no chão, a bochecha colada às lajotas sujas, fora do quadrado que havia limpado. Levantou-se, esfregou esse lado da cara com a água do lavabo até quase arrancar a pele. Vestiu a muda de roupa que trouxera na maleta e, sem nem tomar banho, foi até o cartório, que ficava em Puertollano, por isso teve de pegar um ônibus. De volta a Pozonero, inspecionou o bairro: não longe do seu apartamento (nada ficava longe ali), havia uma pequena loja que vendia de tudo, igual a esses mercadinhos chineses, mas administrada por uma senhora local atarracada. Comprou pão, frutas, latas, embutidos, água. E mais lenços umedecidos na farmácia. Enfiou-se em seu apartamento sem móveis. E ali passou dois dias fechado, sem fazer nada.

Talvez estivesse pensando.

Pensar era trabalhoso.

Contava trens. Passavam dezessete por dia, das quinze para as oito da manhã até vinte para a meia-noite, horário do último trem, que viu na primeira noite.

No terceiro dia teve que sair novamente: a comida tinha acabado. Isso foi na quinta-feira, quer dizer, ontem. O chuveiro era elétrico e felizmente funcionava. Secou-se com a camisa mais suja das duas que trouxera, e se barbeou. O fogão da cozinha era a gás, mas havia também um forninho elétrico. Pensou em comprar café, ainda que fosse solúvel. Pensou vagamente em comprar para si uma vida. Um colchão, uma toalha. Uma panela, uma colher. Um garfo, sem dúvida: comer enlatados com o dedo era nojento. Algumas roupas. Não queria usar os cartões de crédito para não ser localizado. Tinha somente quatrocentos e setenta e seis euros e, por sorte, novecentas e quarenta libras da última viagem a Londres, que tinha esquecido de guardar e ainda estavam na maleta. Foi à lojinha chinesa da não chinesa; incrivelmente, conseguiu comprar ali uma panela, uma faca, um garfo, uma

colher. E sabonete, do qual se lembrou na última hora.

— O colchão e as roupas o senhor vai encontrar no Goliat, na entrada do povoado — disse a mulher, cujo cabelo ralo e tingido deixava entrever o crânio esbranquiçado.

Ao entrar no prédio encontrou uma garota. A vizinha do primeiro andar, ela se apresentou. Muito falante. Quase saiu correndo pelas escadas para fugir dela. Já em casa, a primeira coisa que fez foi preparar um café. Tinha esquecido de comprar açúcar. Em seguida, cozinhou três ovos na única panela disponível. Estranhou continuar sentindo fome, quando tudo o mais parecia ter acabado. Depois lavou na pia, com o sabonete líquido que acabara de comprar, uma de suas camisas e sua muda de cueca e meias. Desistiu de estender as peças nas grades da janela ou da sacada (estavam muito sujas e enferrujadas), decidiu pendurar tudo no instável cano do chuveiro. Sentiu que havia se entregado a um autêntico paroxismo de atividade e, com um cansaço que mais parecia uma doença, voltou a deslizar pela parede até cair sentado no chão do quatinho de frente. O ser humano imediatamente cria hábitos: Pablo já tinha feito sua toca nesse quarto, no fragmento de chão, agora já de dois metros por um e meio, que havia limpado com os lenços umedecidos. Ali passava as horas, hipnotizado pelo brilho apagado dos trens; ali dormia, primeiro sentado, tal como estava, ainda que mais tarde, ao despertar, se descobrisse encolhido e com dor, deitado de lado e em posição fetal sobre o piso. Do teto pendia um fio descascado com uma lâmpada na extremidade. Na parede da esquerda, onde a sombra do crucifixo se destacava sobre a sujeira, uma fileira de formigas se esfalfava, indo e vindo de certos buracos. Raspou com a unha o rejunte negro das lajotas no chão: saía uma porcaria viscosa, peguenta. Que nojo! Apressou-se em buscar o cortador de unhas em sua nécessaire e cortou a borda manchada. Pelas janelas viam-se os trilhos, a plataforma escura, um murinho meio derruído, cheio de grafites, com uma pilha de lixo velho. Tudo possuía essa feiura tão absoluta que quase equivalia à cegueira. Vou colocar o colchão aqui, pensou. Animal de costumes.

Recém-saído do banho, barbeado, vestido com uma camisa limpa mais ou menos aceitável (o tecido, italiano, com um desses acabamentos modernos que o tornam resistente aos amassados sem perder o aspecto elegante; são as camisas que usa em viagens) e com o paletó mais sujo e engruvinhado do planeta, Pablo sai de casa e se dirige primeiro ao único Iberobank de Pozonegro, com o objetivo de trocar as libras. Chega pouco antes de fecharem: vive como num tempo desarticulado e as horas escapam entre seus dedos. Para seu fastio, vê-se obrigado a se identificar e comprovar que tem uma conta no banco, mas no fim consegue o dinheiro (maldito Brexit, a conversão rende mil e onze euros). Depois vai caminhando até o Goliat, menos de quinze minutos, e já está fora da cidade. Quantos habitantes tem Pozonegro?, perguntou no banco. Mil e trezentos.

Mil e trezentos, e Pablo acaba de cruzar com a esquisita do povoado, uma adolescente rechonchuda com o cabelo tingido, preto-corvo, roupa rasgada de punk antiquada e a cara cheia de piercings. A garota olha para ele com uma expressão de furiosa antipatia, que deve ter cultivado por horas diante do espelho. Ou talvez não, talvez seja assim que ela se sinta de verdade. Com toda essa raiva e essa dor. Deve ser muito duro ser a esquisitona dos piercings em Pozonegro, pensa Pablo. Quem serão seus pais, o que terá acontecido a essa garota para acabar desse jeito. De repente, o coração desse homem dispara no peito. As vísceras se espatifando contra o cárcere das costelas. Um golpe de angústia física, uma tontura, a sensação de estar a ponto de desmaiar. Pablo se apoia na parede, respira lentamente. As batidas se normalizam e o mundo volta a adquirir definição. Ficou com a testa encharcada de suor frio. Mas faz calor. Calor demais, talvez seja isso. Tira o paletó amassado. Abre um pouco mais o colarinho da camisa, arregaça as mangas. Melhor assim, sem paletó. Além do mais, desse modo fica menos evidente que ele dormiu com a mesma roupa. Quer dizer, parece menos

mendigo.

Retoma o caminho. Não há um vaso sequer nas janelas, nada de cor nessas ruas. Os mil e trezentos vizinhos devem estar dentro de casa; os poucos com que cruza são tão feios, descoloridos e apagados como o entorno. Quase todas as lojas têm cartazes amarelados de “passa-se o ponto”. Há pequenas casas derruídas, terrenos estreitos cheios de entulho; as ruas parecem bocas desdentadas e as ruínas são tão velhas que o mato cresceu sobre o lixo. Pozonegro está morto e não sabe.

As grandes portas do Goliat se abrem com um silvo, e Pablo penetra no alegre paraíso do consumo. Daria para dizer que o lugar está recém-pintado, inclusive recém-inaugurado; o ambiente é luminoso, as cores, brilhantes, a trilha musical ameniza a manhã com um repertório de canções da moda. Então é aqui que as pessoas estavam, Pablo fica surpreso: realmente tem muita gente. Além disso, aqui todos parecem mais contentes, até mais arrumados que na rua, menos cinzentos, menos feios. Parado junto à entrada, Pablo fica olhando com um pouco de apreensão o vasto local. Sempre detestara os grandes centros comerciais, em especial os supermercados, mas hoje experimenta emoções contraditórias: por um lado, a claustrofobia habitual, por outro, uma paradoxal sensação de alívio. Faz um esforço de concentração e elabora mentalmente uma lista do que precisa comprar. Tudo barato, muito barato. Não quer usar os cartões nem mexer mais nas contas bancárias, para passar despercebido tanto quanto possível, e tem apenas mil quatrocentos e oitenta e sete euros. E quando acabarem, como vai ser?

— Pablo! Pablo! Pablo!

Está tão desligado de seu nome e de si próprio que demora um bom tempo para perceber que o estão chamando. Sim, é com ele. Uma das meninas no caixa. Incrível.

— Pablo! Sou sua vizinha! Não lembra? Conversamos ontem, no saguão do prédio.

Claro. Era a garota que não parava de falar. Não prestou atenção nela e jamais a teria reconhecido. A mulher termina de cobrar um cliente e logo coloca sobre a sua esteira um prisma de acrílico onde se lê “fechado”.

— Vou pro intervalo! — ela grita para alguém virando a cabeça sobre o

ombro e, depois de sair de seu posto com toda pressa, se aproxima dele dando pulinhos.

— O que você faz por aqui? Posso te ajudar? Tenho meia hora — diz de supetão, sem esperar respostas.

Pablo dá um passo para trás, intimidado com tanta vitalidade e simpatia. A mulher o assusta. Conhece pessoas assim. São invasivas, vêm para ficar e exigir carinho.

— Sou amiga de todo mundo aqui e, o que é melhor, posso até conseguir algum desconto com o patrão. Não prometo, ele é sovina, mas não custa tentar... — ela prossegue.

Como se chamava?

— Meu nome é Raluca, você lembra? Duvido. Ninguém lembra de primeira, é um nome tão incomum! É romeno, por isso também que algumas pessoas me chamam de Romena, mas sou espanhola. Ou seja, nasci aqui e me adotaram criança. Bem, não me adotaram, mas essa é uma outra história. Vou te contar um dia — explica ela. Depois, como se tivesse lido o pensamento de Pablo, pergunta: — Então, me diga, o que você quer comprar?

— Bem, não sei... Várias coisas. Mas não sei se posso pagar, quase não tenho dinheiro... — responde ele, impelido pela energia da garota.

— Ah, mas isso não é problema. O que com certeza posso conseguir para você é o pagamento parcelado, já que somos vizinhos. Em até seis vezes sem juros. Além disso, temos um montão de ofertas. Do que você precisa?

— Bem, de um colchão.

— Ah, isso é fácil! Temos ótimas ofertas de colchão. E o encarregado do setor de móveis sempre me paquera. Casado e com filhos, mas você sabe como é... Você não é um tipo desses, é? Anda, vem comigo.

Raluca agarra seu braço e o arrasta. É uma garota alta e forte, e o puxa com firmeza; o cotovelo de Pablo roça o flanco da moça. O homem sente seu calor e seu cheiro: um perfume cítrico barato e o aroma almiscarado de sua pele. A menina cheira bem, isso que Pablo tem uma pituitária exasperante de tão sensível. Cabelo ondulado e escuro, rosto muito pálido, grandes olhos de uma cor inesperada e inusual: mel escuro com chispas de ouro, percebe Pablo, prestando atenção nela pela primeira vez. Dentes fortes e brancos, mas

tortos e um pouco apinhados uns sobre os outros: nestes tempos de ortodoxia ortodôntica, esse sorriso é exótico. E ela não é mais tão jovem: seus olhos e lábios já sofrem o paciente assédio das rugas.

— Temos aqui esta oferta que é ótima — diz o atendente, um homem calvo e suarento que observa a moça como se a lambesse com os olhos. — Um colchão Visco Smart de noventa por duzentos centímetros. Viscoelástico, vinte e um centímetros de espessura, dois anos de garantia. Custa duzentos e sessenta e nove euros, mas está saindo por oitenta e sete euros, com sessenta e oito por cento de desconto. O que você acha, Raluca?

E põe a pata sobre os ombros da moça, que se esquiva com um puxão.

— Manolo, não seja abusado... Este colchão me parece muito estreito. Quer que esse senhor durma numa caminha de adolescente? Mostre algo um pouco mais confortável, por favor...

Pablo deixa que Raluca conduza a negociação; se sente meio abobado, fora do mundo. As luzes ofuscantes do local o aturdem. Um pouco mais adiante, na praça de alimentação, está a esquisitona do lugar, toda de preto com suas roupas góticas, no meio das prateleiras multicoloridas. Permanece concentrada na leitura do rótulo de uma lata de conservas enquanto gira, ensimesmada, a bola que perfura sua sobrancelha direita. Ela também parece menos desesperada, mais contente. O hipermercado como uma epifania de serenidade, plenitude e gozo.

— Pronto, Pablo, vem aqui, você tem que assinar a papelada.

Vai levar um Visco Smart de cento e trinta e cinco por duzentos centímetros, dois anos de garantia, pelo imbatível preço total de cento e quinze euros, dos quais paga agora quarenta de entrada e mais cinco parcelas de quinze euros, mais quinze euros de frete.

— Custava trezentos e setenta e nove, ou seja, você comprou com setenta por cento de desconto — alardeia o vendedor, que tenta aproveitar o feliz desfecho da transação apalmando Raluca novamente.

— Sai pra lá, seu chato — diz ela, se esquivando.

E volta a segurar o braço de Pablo, com quem caminha daqui para lá por toda a loja. Em pouco mais de meia hora (Raluca volta a seu posto com certo atraso) compram de tudo: lençóis, um cobertor, um travesseiro, toalhas, roupa

íntima, jeans, camisetas, camisas, uma frigideira, uma caçarola, pratos, copos, xícaras, talheres, papel higiênico, sacos de lixo, detergente, um par de tênis. Pablo sozinho não saberia nem por onde começar. Enjoado e com o carrinho lotado, passa pelo caixa de Raluca e, apesar do parcelamento, depois de pagar a fatura seu capital se reduziu à metade.

— Puxa, estou ficando sem dinheiro — murmura, contando as notas.

— Você precisa de trabalho? — pergunta a moça. — Não se preocupe, Pablo. Vou ajudar você.

E sorri, luminosa, mostrando uma fileira desbaratada de dentes tortos.

Claro que já estão nos chamando de Urraca pela cidade. Claro. Sou um idiota. Devia ter pedido muito mais dinheiro pro cara. Não discutiu o valor nem quis olhar o apartamento. Coisa de gente rica. Quem compra um apartamento à vista sem dar nem uma olhada? Alguém muito rico. Mas muuuuito rico. Só pode ser. E precisando muito fechar logo o negócio, bem depressa. Devia ter pedido cinquenta mil; ele pagaria, com certeza. Zás, aqui estão os cinquenta, como fez com os quarenta e dois. De uma vez, sem pestanejar. Esse homem foge de algo, estou te dizendo. Ou tem algo a esconder. Não é trigo limpo. A quem ele quer enganar, com esse ar grã-fino de filhinho de papai? As calças mais amassadas que uma sanfona, mas olhando tudo de cima. Já deve ter nascido rico, é o que mais me fode. Uns com tanto e outros com tão pouco. Como o pau mole do Leocadio. O que a gente ria dele no colégio... Ele era o mariquinha da turma! Mas aí está ele, depois de herdar o cartório do pai. Ele também gostaria de olhar tudo de cima, mas como é um cuzão abobado, não consegue. É mais atarracado que eu! Mas o lance é que eu fiz uma cagada. Abestalhado, tinha que ter pedido bem mais! Não viu a pressa que o homem tinha? Não viu que ele estava louco para comprar? Como fui burro, meu sangue chega a ferver de tanta raiva. Nada me dói mais que um mau negócio. Acho que estou ficando retardado... Um Urraca deixando-se enganar. Que vergonha! Mas isso não vai ficar assim. Quem ri por último, ri melhor. Esse sujeito esconde algo, e os que escondem, se comprometem. Estão em uma situação frágil, essa é a questão. O que você tem que fazer, besta, é vigiar e investigar até descobrir o que ele está escondendo. Espioná-lo, como os espões dos filmes. Descobrir os hábitos dele, o que ele faz. Por exemplo: parece que quase nunca sai do apartamento. O que aquele doido fica fazendo metido lá, se naquela casa não tem nada de nada? Ou chegaram móveis no meio da noite? Duvido. Neste povoado não tem quem solte um peido sem ficar todo mundo sabendo. De

qualquer forma, tenho que vigiar melhor o sujeito e fingir que nos encontramos por acaso. Agora mesmo, por exemplo, não sei se ele está em casa ou se saiu. As persianas estão exatamente como deixei. Claro que estão quebradas, ou seja... Olha só! Falando do diabo, aparece o rabo! E vem carregado de pacotes como Baltazar... Estou te dizendo: ele tem dinheiro sobrando. Agora vou me aproximar como se estivesse passando aqui por acaso. Como vai, como estão as coisas? É um ótimo apartamento, vou dizer pra ele. Te dou uma mão pra subir com os pacotes. Assim aproveito para bisbilhotar um pouco... Ehhhhh... Cuidado, cuidado, cuidado... Quietos, parado... Quem é esse policial saindo do carro? Um policial de uniforme e um carro de civil. Ou melhor, um policial disfarçado, que não me enganam. Como não percebi antes que esse carro estacionado tinha gente dentro? Será que alguém me viu? Acho que não. Além disso, o que ele pode ter visto? Um sujeito fumando tranquilo nas escadas da estação. Poderia apenas estar sossegado esperando o trem. O mauricinho já se assustou. O policial está falando com ele muito educadamente. Esses caras são muito educados até que te encham de porrada e pontapé e te prendem. O tal Pablo Hernando está tremendo como um pudim. É a prova definitiva, ele esconde algo sujo. Que saco não entender o que eles estão dizendo... Não dá para escutar mais do que um murmúrio. O sujeito entrega a carteira de identidade. O cara pega o telefone. Mais murmúrios entre eles. O policial devolve o documento, diz tchau e vai embora. Ficou com os olhos faiscando, o filhinho de papai. Estou te dizendo, ficou pálido, o sangue já não chega ao corpo. Está abrindo o portão, a mão treme. Probleminhas com a polícia, é, seu corno? Te peguei. Agora só tenho que achar o seu ponto fraco e depois te explorar. Como naquele negócio com a puta da Irina. Tiramos uma bela grana. Pena que depois o cafetão dela tenha pulado fora. Mas desta vez vou extorquir sozinho. Sessenta mil. Tinha que ter pedido sessenta mil. Ele ia me pagar sem chiar. Estou te dizendo.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A boa sorte"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).